**A ÓTICA DA ESPIRITUALIDADE DA RAZÃO PELO NEOATEÍSMO E A ÉTICA DE ESPINOSA**

***Marcelo Ferreira Cardoso***[[1]](#footnote-1)

**Grupo de Trabalho (GT):** GT 12 – Espiritualidades, direitos humanos e da Terra: Territórios e territorialidades de/em resistencia.

**Resumo**

A possibilidade de alguma forma de prática espiritual da razão pelo sujeito ateu é reivindicada atualmente por alguns segmentos do neoateísmo. Essa espiritualidade tida como laica, ofereceria ao indivíduo ateu tanto a possibilidade da formação de um sentido de vida norteando virtudes e valores, quanto de uma fonte balizadora que serviria de freios e contrapesos para suas ações na sociedade. Por outro lado, temos a interpretação do imanentismo do filósofo holandês Baruch de Espinosa que estabelece que todo ser humano deve exercer responsabilidades como indivíduos na sociedade preocupando-se com o desenvolvimento pessoal e o autodomínio de suas ações na busca pelo bem comum. A presente comunicação objetiva apresentar convergências entre o pensamento neoateu a favor da espiritualidade da razão e a ética espinosana. Para tanto, se utilizará do método interpretativo de observação e análise documental de autores neoateus como André Comte-Spoville e Sam Haris, além dos próprios conceitos de imanência absoluta em Espinosa através dos três gêneros do conhecimento.

**Palavras-chave:** Imanentismo; Ética; Espinosa; Neoateísmo; Espiritualidade.

**1 Introdução**

O ateísmo apesar de não ser uma forma de crença ou não crença organizada, possui cada vez mais simpatizantes e tem atraído mais pessoas que tem se identificado com as ideias ateias na atualidade. Na verdade, o ateísmo é a ausência de crença em divindades ou deuses e seus postulantes declaram que não creem em entidades sobrenaturais, geralmente associadas a religiões. Podendo assumir diferentes formas e níveis de convicção, onde ateus apontam a descrença absoluta ou questionamentos que envolvam a possibilidade da existência de seres transcendentais e fenômenos ligados a esses.

No decorrer da história humana sempre houve pessoas que questionavam tal possibilidade, contudo, somente a partir do século XVI, com o advento do Iluminismo é que pensadores ateus começaram a se posicionar de forma mais contundente a favor do ateísmo, por meio do racionalismo e do combate a influência que a religião dominante na sociedade ocidental à época tinha sobre as pessoas e o Estado. Entretanto, mesmo havendo esse ponto de virada do ateísmo na história, seus simpatizantes sempre foram colocados à margem da sociedade e discriminados por terem uma forma diferente de enxergar a possibilidade da existência do transcendente.

Com a finalidade de alterar essa situação, no final do século XX e início do século XXI surge no cenário mundial um movimento chamado de neoateísmo e que ganha destaque na divulgação da mensagem ateia alcançada principalmente por meio da internet e redes sociais (Paine, 2010, p. 82). O neoateísmo tem por finalidade buscar por meio de debates acalorados uma confrontação entre ciência e religião, e principalmente a influência da fé em uma sociedade cada vez mais secularizada. Entre seus principais divulgadores encontra-se Richard Dawkins, autor de *O gene egoísta* e *Deus, um delírio*, que aborda uma vigorosa crítica à religião e defende a razão como a única maneira de se entender o mundo e levar o ser humano na busca por respostas naturais aos questionamentos ontológicos que geralmente estes carregam.

Há no neoateísmo três pontos principais e que normalmente são apresentados como presentes na pauta do movimento, são eles:

1. Crítica à religião - Os neoateístas frequentemente criticam os dogmas religiosos, argumentando que a fé pode ser prejudicial à sociedade, limitando o progresso e levando a conflitos desnecessários.
2. Racionalidade e ciência – Defendem a importância da razão, da evidência empírica e método científico como ferramentas fundamentais para compreensão do mundo e seus questionamentos existenciais.
3. Ética sem religião – Argumentam que a moralidade pode existir sem a necessidade de uma base religiosa, devendo haver para tanto uma ética secular baseada na razão e na compaixão pela humanidade.

É importante ressaltar que este último item tem se apresentado como ponto de destaque no neoateísmo, onde de um lado aparecem pensadores neoateus favoráveis a uma forma de prática moral sem a necessidade de alguma prática religiosa por meio do desenvolvimento de alguma forma de espiritualidade laica ou espiritualidade da razão. Portanto, a presente comunicação por meio de uma análise documental através do método interpretativo objetivará encontrar convergência nas obras de Sam Harris e André Comte-Sponville, neoateus que defendem a espiritualidade laica e a ética pela visão do imanentismo de Baruch de Espinosa.

**2 Espiritualidade Laica**

O conceito espiritualidade dentro do universo neoateu é um dos pontos mais controversos e que tem alcançado discussões fervorosas no movimento, havendo aqueles/as que rejeitam e aqueles/as que defendem a prática de algum tipo de espiritualidade laica dentro do ateísmo, como forma de dar ao ser humano parâmetros éticos de pesos e contrapesos de suas ações na sociedade. Certeau já apontava que a prática espiritual está inserida na sociedade através da sua influência na rotina humana pela busca de significado e sentido de vida. Contudo, encontramos em Sam Harris e André Comte-Sponville os maiores defensores da espiritualidade laica dentro do neoateísmo.

Para eles ser ateu não é um impedimento para que o sujeito viva uma espiritualidade plena, aliás, segundo eles próprios pontuam, espiritualidade é uma necessidade para o ser humano, mesmo se tratando de um sujeito ateu e não circunscrito ao sistema religioso. Mas, como seria essa espiritualidade e como praticá-la? Na visão de Harris todo ser humano necessita de um alargamento da consciência, um tipo de conhecimento espiritual não religioso. Remover a espiritualidade da soberania das religiões é o grande excerto que faltava aos fundamentos seculares, sendo razoável alcançar a felicidade plena sem se avizinhar do âmago divino (Harris, 2009, p. 79).

Para esses autores neoateus, há um meio termo entre fazer da espiritualidade uma prática religiosa e não ter nenhum tipo de crença religiosa, não havendo necessidade de maiores vivências religiosas para ser viver um tipo de espiritualidade, basta que o ser humano busque um equilíbrio na sociedade estando bem consigo e com os seus semelhantes. Sendo a ética humana extremamente necessária como ferramenta para o bem-estar da pessoa e no trato com outras, aliás ética que a própria religião se apropria (Ferry, 2022, p. 106).

Na visão de Conte-Sponville todo indivíduo para ter sentido de vida e uma razão de existência deveria acreditar e viver valores que o moveriam para frente, repudiando o niilismo de Nietzsche e considerando como perigo para a humanidade. Nenhuma sociedade organizada deve viver sem algo que a una como tal, sustentando então que a espiritualidade é imprescindível para o indivíduo na manutenção da ordem dos valores e princípios, pois ela defende a dignidade humana. É ela que dará um sentido de vida enquanto vivas e as prepara para que encontrem um sentido no momento da morte (Comte-Sponville, 2007, p. 30).

O espírito não é um direito exclusivo da religião. No ateísmo, espírito é a capacidade humana de pensar, agir, querer, sentir e amar. Sendo a espiritualidade uma experiência de sentimentos que o ser humano experimenta em vida e não algo extracorpóreo na visão da maioria das religiões. Essa visão materialista naturalista compreende que o espírito é o resultado do ser humano com a natureza e seu ambiente, sendo inclusive parte dela e ao longo de sua vida vai reformulando e aprimorando sua espiritualidade em contato constante entre a natureza externa e a sua natureza interna (Harris, 2015, p. 63).

**3 O imanentismo de Espinosa**

Baruch de Espinosa foi um filósofo holandês de família judia do século XVII e considerado um dos principais pensadores da Filosofia Moderna. Sua principal obra, *Ética*, desenvolve questões relacionadas à natureza de Deus, da mente e do corpo, propondo uma visão monista que apresenta Deus e o universo como uma substância única e infinita, sendo seu pensamento associado frequentemente ao racionalismo e ao panteísmo (Espinosa, 1989, p. 97).

A sua visão de Deus era considerada muito diferente daquela frequentemente apresentada pelas religiões principalmente monoteístas em sua época. Para Espinosa, Deus não criou o mundo, que sempre existiu; não havendo, portanto, separação entre criador e criatura, mas sim uma fusão, ou melhor, o universo seria o próprio Deus em sua imanência. Sendo este tipo de pensamento chamado de imanentismo radical.

Outro ponto de destaque na visão espinosana, está no fato de que Deus e natureza são concebidas como idênticas e existindo em tudo e não interferindo em questões humanas, de modo que valores morais são assuntos de exclusividade do ser humano e não recebem nenhuma influência divina, compreendendo que muitas vezes a libertação do sofrimento humano advém do entendimento da casualidade e da aceitação do transcurso natural das escolhas feitas por suas criaturas, não havendo interferência direta do próprio universo/Deus em seu transcurso (Madinier, 1969, 29).

Vale apontar que nesse ponto surge uma expressão latina em contraposição a essa ideia do imanentismo radical de Espinosa, que é conhecida como amor fati. O amor fati é uma expressão latina que pode ser traduzida como “amor destino” ou “amor ao que acontece”, ou seja, essa ideia está associada ao conceito que envolve aceitar tudo que ocorre em sua vida, sem arrependimentos ou ressentimentos. Em vez de resistir ou questionar principalmente as circunstâncias desfavoráveis, o praticante do amor fatibuscaria encontrar significado e valor em cada experiência vivenciada, quer sejam boas ou ruins (GRANQVIST; KIRKPATRICK, 2004, p. 235).

A ideia por trás desse pensamento está em uma postura afirmativa da existência, onde se pretende transformar as adversidades em oportunidades de crescimento e autoaperfeiçoamento. Portanto, o amor fati se destaca pela importância de aceitar e se resignar pelo destino apresentado, independente das circunstâncias, encontrando beleza na totalidade da experiência de vida. Mas, conforme já exposto, isso ia de encontro com a ideia do imanente radical espinosana, do ser humano não aceitar de forma passiva os acontecimentos julgando que seu destino seria traçado por ações externas sobrenaturais (Pannikar, 2023, p. 82).

Para Espinosa a ideia do milagre era absurda, pois tornava a natureza cúmplice do próprio delírio humano. De acordo com ele, a natureza segue uma ordem imutável, de modo que prever a necessidade de sua alteração seria rebaixar a suposta sabedoria divina. Deus é causa em si, ou seja, aquilo cuja essência envolve a existência ou aquilo cuja natureza não pode ser concebida a não ser como existente. Em outras palavras, não são causas de si, as coisas que podem ser explicadas por meio de outras coisas, por exemplo, eu consigo explicar o que é um livro utilizando como referência o papel, do mesmo modo que consigo explicar a mim mesmo, usando como referência as minhas vivências (Espinosa, 1989, p. 25).

Porém, quando se trata de Deus isso não se demonstra plausível, pois ele se apresenta sem substância mensurável, entendendo que tudo o que existe, existe em Deus e nada pode existir nem ser concebido sem ele. Diferente das religiões monoteístas que afirmam que a natureza é uma revelação da essência divina, Espinoza declara enfaticamente que a natureza seria a verdadeira imagem da criação, Deus e o mundo são uma só substância.

Como tal, Deus não pode refletir, ter vontade, pensar ou até mesmo ter consciência. E por que não? Porque para Espinosa, Deus como ser perfeito precisaria pensar algo antes de qualquer realização. Somente seres finitos, como os seres humanos, podem ter intenções e projetos, ambos ligados à possibilidade de falha. Aventar a possibilidade de que Deus poderia ter planejado a criação desse mundo, significa pensar em um Deus que eventualmente poderia ser falho. Intenções, projetos, paixões, isto é, aquilo que torna a existência humana trágica ou divertida, são próprias do ser humano, características da finitude e não dependentes de acaso ou milagres (Rogers, 2017, p. 66).

**Considerações Finais**

Vimos por meio dessa comunicação que a espiritualidade não-religiosa ou laica se refere à busca por parte do indivíduo por significado, propósito e transcendência fora das estruturas tradicionais de religiões institucionalizadas. Sendo uma abordagem que valoriza a dimensão espiritual da experiência humana, mas sem aderência a dogmas religiosos específicos. Esse tipo de espiritualidade muitas vezes se concentra na conexão com outras pessoas, o autoconhecimento e a apreciação da vida de maneira mais significativa.

Sua relação com o imanentismo de Espinosa reside no fato de que ambos enfatizam uma compreensão da realidade que não depende da separação radical entre o divino e o mundo material. Ambas as abordagens defendem que a busca por significado e transcendência pode ser encontrada dentro da própria existência e na compreensão profunda da natureza e da vida. A espiritualidade laica muitas vezes adota uma perspectiva imanentista ao procurar um sentido profundo sem depender de uma divindade transcendente para isso.

**Referências**

COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo*: introdução a uma espiritualidade sem Deus. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ESPINOSA, Baruch de. Pensamentos metafísicos. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

FERRY, Luc. *A vida feliz*: sabedorias antigas e espiritualidade laica. Vozes: Petrópolis, 2022

GRANQVIST, Pehr; KIRKPATRICK, Lee A. Religious conversion and perceveid childhood attachment: a meta-analysis. *The International Journal for the Psychology of Religion*, Oslo, v. 7, n. 15, p. 223-250, 2004.

HARRIS, Sam. *A morte da fé*: religião, terror e o futuro da razão. São Paulo:

Companhia das letras, 2009.

HARRIS, Sam. *Despertar*: um guia para a espiritualidade sem religião. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MADINIER, Gabriel. La conscience morale. Paris: Press Universitaires de France, 1969.

PAINE, Scott Randall. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 77-86, 2010.

PANNIKAR, RAIMON. *Mysticism and spirituality*: spirituality, the way of life. Motilal Banarsidass: Agra, 2023.

ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

1. Doutorando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Professor da Faculdade Adventista do Paraná. Contato: [marcelo.cardoso@iap.org.br](mailto:marcelo.cardoso@iap.org.br) [↑](#footnote-ref-1)